



SOBRE A AUSÊNCIA

Helder Godinho

IELT, FCSH/NOVA

Ainda que se narrem, como verdadeiras, coisas passadas, o que se vai buscar à memória não são as próprias coisas que já passaram, mas as palavras concebidas a partir das imagens de tais coisas, que, ao passarem pelos sentidos, gravaram na alma como que uma espécie de pegadas.

Santo Agostinho, *Confissões*: 575

A grande força do real é a do que está para lá dele, porque toda a realidade é redutora.

Vergílio Ferreira, *Pensar*: 100

1. Os sistemas de compreensão do mundo, ciência incluída, têm-me vindo a aparecer, cada vez mais claramente, como *ficções*, no sentido em que «a *ficção* é a criação de uma ordem narrativa sobre a "realidade" com vista a torná-la (provisoriamente) coerente em torno de um valor, um conceito, etc., que é o seu centro autoral»¹. As reflexões que vos proponho hoje participam do mesmo carácter ficcional no sentido em que todas as imagens que construímos do mundo são provisórias e nunca atingem uma verdade definitiva. Mas isto não quer dizer que não sejam eficazes e não atinjam o «real» e, mesmo, que não actuem sobre ele. Ao longo dos milénios de vida da Humanidade, as visões do mundo foram-se sucedendo e contradizendo, mas as mais bem estruturadas tiveram real eficácia sobre o «real», como, no exemplo contado por Eliade em que, nalguns povos, os doentes eram metidos num buraco considerado representar o ventre da terra e, por isso, ser capaz de os fazer renascer com saúde renovada, o que se verificava frequentemente dadas as relações entre a mente e o corpo, de que vamos tendo uma consciência cada vez mais fundamentada². Por isso, digo que vos proponho mais uma ficção, com a consciência de que pensarmos o nosso pensamento, contextualizá-lo e relativizá-lo é um dos grandes desafios (e possibilidades) do pensamento consciente nos tempos que vamos vivendo.

O pensamento implica *sistemas de significações* aparentemente ausentes mas permanentemente presentes em todas as suas actualizações e para lá delas, desde o sistema linguístico nos seus diversos níveis, a começar pelo fonológico, por exemplo, até aos arqui-sistemas, onde a abertura para a *criação* se torna possível como inter-visitação do saber humano, disseminado no cruzamento de vários sistemas, mesmo o saber não-consciente (cérebro não-cortical). De modo que todo o saber e toda a consciência se baseiam e dependem do *não-dito que impregna*

¹ Ver, por exemplo, GODINHO, Helder - «Les pouvoirs du récit». *Iris*, 34 (2013), p. 55-67.

² ELIADE, Mircea - *Le chamanisme et les techniques archaïques de l'extase*. Paris: Payot, 1983.



todo o dito, ou seja, se baseiam na *Ausência* e dependem da *Ausência*. A essa marca que abre ao não-dito presente no dito de todo o conhecimento, e mesmo dos sentimentos, Derrida chamou *traces*, rastros e marcas da ausência presente³.

Ou seja, não há significação sem que o resto do sistema ou arqui-sistema, a que o elemento em causa pertence, esteja presente, como ausência necessariamente presente, como excesso de sentido que o discurso persegue e procura presentificar. Por isso, nenhuma Presença é possível sem a Ausência, ou seja, nenhuma presença, seja do Outro ou de um conceito ou imagem, nos pode aparecer substantivamente, na sua totalidade e na sua «realidade», porque ambas se dispersam pelos vários níveis de sentido que lhes criam a significação.

Vergílio Ferreira é um dos autores em que o jogo ausência/presença é mais visível, constante e importante. A Verdade ou a Face de todas as faces (mulher ou Deus) são um contraponto contínuo ao quotidiano e uma outra manifestação dessa ausência é a Ordem universal onde tudo faz sentido para além do sentido ou do não-sentido que possam ter no quotidiano imediato⁴. Por isso, em *Pensar*, interroga: «Porque te ris do pobre D. Quixote por amar a Dulcineia, que não existia? Mas todo o homem só ama a mulher que não existe. E bom é isso. Porque se ela existisse o amor deixava de existir. Mesmo que ele a ame, como supõe. Porque todo o amor só existe nos intervalos de a pessoa amada existir. Fora desses intervalos não existe. Porque só existe essa pessoa real»⁵. Ou a insistente pergunta de *Estrela Polar* sobre diante de quem as personagens se amam: «Ser, pois, com alguém é sê-lo perante outro e outro e outro, até a um limite que resista.»⁶. Esse terceiro elemento de ligação é a Presença ausente que, numa epígrafe de *Estrela Polar*, integrada a partir da segunda edição, é designada como *absoluto*: «Toda a relação erótica é uma relação a três em que o absoluto é um dos *partenaires*» – Pierre Emmanuel. Amor e verdade são a mesma coisa, logo amar e saber também: «A verdade é amor – escrevi um dia», diz também em *Pensar*⁷.

A obra persegue a procura da palavra fundamental que desse a Verdade e a Face – mas essa palavra não é dizível. Por exemplo em *Invocação ao meu corpo*: «Mas o aceno que vem da infinitude estende-se a tudo quanto na vida guarda ainda o sinal do *indizível*. (...) Etéreo fluido de uma inquietante presença, como a aura desta noite total»⁸; «Porque onde a palavra certa que nos ligue um ao outro? Ora essa palavra existiu, um dia, outrora, não bem como palavra certa (porque o certo pressupõe o errado) mas como a transparência absoluta de um puro olhar aberto»⁹. «Ou seja, a separação dessa presença que se tornou indizível/invisível deriva da perda da “palavra certa” que outrora existiu, tal como a relação com a

³ DERRIDA, Jacques - *De la grammatologie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1967.

⁴ GODINHO, Helder - *O Universo Imaginário de Vergílio Ferreira*. Lisboa: INIC, 1985.

⁵ FERREIRA, Vergílio - *Pensar*. Lisboa: Bertrand, 1992, p. 53-54.

⁶ FERREIRA, Vergílio - *Estrela Polar*. Lisboa: Portugalíia, s.d. [1962], p. 234.

⁷ FERREIRA, Vergílio - *Pensar*. ed. cit., p. 12.

⁸ FERREIRA, Vergílio - *Invocação ao meu Corpo*. Lisboa: Portugalíia, 1969, p. 23.

⁹ *Idem*, p. 28.



presença»¹⁰. Esta relação da palavra e do amor aparece já, por exemplo, em *Vagão J*¹¹, onde os pobres não sabem dizer o amor ou mesmo amar, por não terem um discurso sobre o mundo e a sociedade¹². Porque, como diz *Pensar*: «Atrás de todo o real há o irreal que é dele, e esse é que é. (...) O irreal do real está nele, é a sua presença inteira, porque é apenas o seu milagre de ser»¹³. Ou ainda: «Se não tivesse existido Eva, Adão não poderia pensar "eu", nem que estava "sozinho". Mas a relação "eu/outro" precisa de alguém que lhes ateste essa relação. Por isso Deus teve também aí a sua funcionalidade. Só que a verdadeira testemunha é o inominável que está para lá dele, que tem um nome. Procura-a aí»¹⁴. Ou seja, amar o outro é, fundamentalmente, amar uma ausência que está presente no sentido que o outro ganhou para ser amado.

O discurso que fazemos sobre nós é, também, em grande parte, inevitavelmente sobre a parte de nós ausente (inconsciente) e que sustém a que vemos e de que temos consciência.

A importância do cérebro não-cortical, não-consciente, sobre que Damásio insistiu no *Livro da Consciência*¹⁵, favorece, ou é a causa, dessa presença ausente, cujos conteúdos foram, em grande parte, criados pela filogénese (imaginário 1), depois completados pela cultura (imaginário 2) e pelas vivências pessoais (imaginário 3).

Na construção desta nossa ficção, podemos imaginar que, no início da humanidade, a procura de sentido para as coisas se foi alargando até à procura de sentido para o mundo e que, então, o mundo se tornou *mitificável*, ou seja, foi possível sobre ele serem construídas narrativas que o explicavam – os mitos. E contar uma história sobre ele implicou ligar elementos, num processo de *metaphorein*, construir um sistema de significação em que o excesso de sentido de qualquer sistema se tornou um dado incontornável da significação do mundo e a esse excesso de sentido foi dado o nome de Deus. Esse excesso de sentido foi também entendido como falando da existência de um outro mundo, onde os deuses residiriam, e os chamanes visitavam-no em viagens extáticas. Ou seja, mitificar o mundo terá suposto, com bastante segurança, dado o que sabemos hoje da ausência implicada em toda a presença, como *trace*, a consciência da Ausência até porque, o que caracterizou a revolução cognitiva do *Sapiens* foi o falar sobre coisas que não existiam e a criação de abstrações¹⁶. Deus e o Outro Mundo terão sido os primeiros nomes dessa Ausência de que hoje sabemos que toda a presença depende, e os ritos terão tido, entre outras, a função de porem os homens em relação com o significante ausente procurando entrar em contacto com ele em cada

¹⁰ GODINHO, Helder - «A questão da Palavra em Vergílio Ferreira - alguns aspectos». In PIMENTEL, M. d. R.; MONTEIRO, Maria do Rosário - *Leonorama. Volume de homenagem a Ana Hatherly*. Lisboa: Colibri, 2010, p. 274.

¹¹ FERREIRA, Vergílio - *Vagão J*. Coimbra: Coimbra Editora, 1946.

¹² GODINHO, Helder - «Palavras que dizem e organizam o mundo (sobre Vagão J)». *O Público*. (21 de Maio de 2014), p. 47.

¹³ FERREIRA, Vergílio - *Pensar*. ed. cit., p. 328.

¹⁴ *Idem*, p. 364, sublinhado por mim.

¹⁵ DAMÁSIO, António - *O Livro da Consciência. A Construção do Cérebro Consciente*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2010.

¹⁶ HARARI, Yuval N. - *Sapiens. Une brève histoire de l'humanité*. Paris: Albin Michel, 2015.



rito que nos aproxima do sagrado. Ouso dizer que o Sagrado é a terra da Ausência que nos permite criar sentido, ligando elementos, ou seja, *metaforizando*, e, por isso, a linguagem está tão dependente e impregnada dos processos retóricos de que a contiguidade da metonímia é, a par com a metáfora em sentido mais restrito, um dos processos fundamentais.

2. Vemos, assim, que a característica maior das imagens simbólicas – pôr-nos em contacto com a outra metade (ausente) do símbolo, tem a ver com a ausência que todos os sistemas (semióticos) implicam e de que necessitam para funcionarem. Podemos, a partir daqui, repensar esse mundo outro a que as imagens dão acesso ao serem veículos, supostamente privilegiados, do excesso de sentido. Gilbert Durand ao introduzir o conceito de «trajecto antropológico»¹⁷ (Durand 1969) introduz uma determinação externa ligada à fisiologia (os reflexos dominantes), de algum modo como a capacidade da linguagem, mesmo que inata, necessita de falantes externos para se poder actualizar, sem o que os seres humanos não falam, mesmo nascendo com a capacidade de o fazer. Mas Gilbert Durand insiste na anterioridade da imagem, baseando-a no seu semantismo próprio e natural, que a torna superior ao signo arbitrário, não-motivado, tornando-se, por esse semantismo, motivado, abertura para um outro mundo da significação que não é exprimível por conceitos. Mas para que a imagem *signifique* tem que ser sujeita a uma semiose que a integra num sistema, mesmo que de signos motivados (símbolos), onde a ausência é a regra da significação. E esse sistema de signos motivados e a significação que nele se cria tendem a ser ditos pela linguagem de signos arbitrários. Mas, independentemente disso, ao ganharem sentido numa semiose, esse sentido é um conceito - que poderá ser dito pela linguagem ou, simplesmente, ficar não-dito no não-consciente não-cortical, do mesmo modo que muito do sentido que nós criamos e nos move a actos e pensamentos é não-consciente, o que o torna mais eficaz e dominador do que fazemos ou pensamos. E assim permanece até que o não-consciente encontre uma narrativa que o possa dizer a nível cortical, ou seja, consciente. Porque, como pretende Damásio no *Livro da Consciência*, o cérebro, para pôr em relação as suas partes mais diversas e trazê-las à consciência, encontrou a *narrativa* (o que, de resto, já estava implicado na psicanálise de Freud). Ou seja, a narrativa torna consciente ou, melhor, torna possível a consciencialização do processo de pôr-em-relação que permite a significação. Com esse processo de organização narrativa do mundo, o real torna-se *desejável*¹⁸.

3. Parece-me que não podemos fugir à conclusão de que, na medida em que é um pôr-em-relação, *significar é amar*. No amor humano entram em jogo níveis diversos de significação, muitos não-conscientes, para o acesso dos quais o corpo do outro enquanto texto, o seu comportamento e discursos são chaves que poucos conseguem decifrar. Por ser um pôr-em-relação, o amor pode ser desencadeado

¹⁷ DURAND, Gilbert - *Les Structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris: Bordas, 1969.

¹⁸ WHITE, Hayden - «The Value of Narrativity in the Representation of Reality». *Critical Inquiry* (Autumn 1980), p. 5-27.



por uma narrativa, como Santo Agostinho e os autores medievais bem perceberam. Santo Agostinho, nas *Confissões*, além do caso que conhecemos do retor Hiério, escreve sobre o amor a Deus: «Amo-te, Senhor, com uma consciência não vacilante, mas firme. Feriste o meu coração com a tua *palavra* e eu amei-te. (...) Mas que amo eu quando te amo?»¹⁹. E, por toda a significação depender da presença de uma Ausência, textos como o *Lai de l'Ombre* puderam basear numa sombra/imagem o desencadear do amor²⁰. A «presença» da Dama estava mais na ausência/sombra do sistema que a fazia significar na relação consigo e na relação com o cavaleiro, do que no seu corpo. Tal como em *Estrela Polar* de Vergílio Ferreira, onde o narrador se interrogava sobre quem os unia para que houvesse amor e diante de quem eram, como já referimos.

Voltando aos sistemas motivados e aos arbitrários, não se percebe, como acontece no pensamento de Gilbert Durand, *e.g.*, porque é que os sistemas semióticos arbitrários (linguísticos, neste caso) são menos «dignos» que os que têm alguma motivação (neste caso o Imaginário) e que, por isso, são signos deles próprios. Porque os sistemas arbitrários mostram, na sua arbitrariedade, apenas a *relação que cria sentido*. Eles são, de algum modo, a relação formalizada que apenas pretende exprimir-se como *relação*, ou seja, *como sentido*. E relação baseada na ausência daquilo que se não estivesse também presente tornaria qualquer significação impossível. Ausência omnipresente e onipotente no que respeita à criação de sentido, a que alguns, além dos que lhe chamam Deus, também chamam Ser. E é a presença desse Ser como traço no ente que dá aos entes sentido e vida. Saber é convocar a Ausência e, com ela, construir sentido. Amar é, assim, e *sempre* amar Deus, como nome final da ausência e do sentido, e, por isso, alguns dizem que amam Deus sem o terem visto. Estão, no entanto, a exprimir com esse amor a Deus, uma verdade fundamental da significação. Por isso, o narrador de *Estrela Polar* procurava alguém que o unisse às mulheres amadas, consciencializadas como hipóstases da Presença ausente, um terceiro que criasse a relação e aí a epígrafe de Pierre Emmanuel já referida de que o amor é uma relação a três em que o terceiro é o Absoluto.

Mas o Imaginário não se esgota na questão das imagens, da sua anterioridade ou preeminência e do mundo de ausência a que nos dão acesso. Ele é um *sistema* e isso é mais importante que a questão do estatuto da imagem. Ele é, com isso, uma estabilidade e uma permanência, em grande parte não-consciente, que determina o *Sapiens*, as culturas e as identidades pessoais, estabelecendo-as, *ipso facto*, como dependentes de uma ausência, onde se insere a importância do *tu* e da aprovação dos outros. Aí a necessidade do Outro e do seu reconhecimento, em Hegel, na dialéctica do Senhor e do Escravo, por exemplo, onde se mostra a não-substantividade do Sujeito, necessitado de ser *reconhecido*. A relação com a Ausência acontece através de *escolhas* que derivam da filogénese (imaginário 1) da história das culturas (imaginário 2), da história pessoal (imaginário 3). Essas escolhas, dependentes das condicionantes referidas, delimitam Formas estáveis (os

¹⁹ Santo Agostinho - *Confissões*. Lisboa: INCM, 2000, p. 447.

²⁰ RENART, Jean - «Le Lai de l'Ombre». In MÉJEAN-THIOLIER, Suzanne; NOTZ-GROB, Marie-Françoise - *Nouvelles Courtoises*. Paris: Poche, Lettres Gothiques. éd. Bilingue, 1997, p. 578-631.



imaginários)²¹ que são fundamentalmente Formas de Ausência mas que tem uma influência eficaz na relação com os outros e o mundo em geral. O imaginário pessoal 3, constrói-se sobre os dois outros e sobre as vivências pessoais e é a manifestação estável (embora não imutável) da nossa identidade na relação com o exterior ou com o que fazemos, é um mitoestilo (narrativa estável que condiciona uma visão pessoal do mundo) que funciona como um Protoautor (o caso de Vergílio Ferreira é muito esclarecedor)²².

4. O facto de concebermos a criação de sentido como uma procura da ausência, que está presente como traço ou marca nos elementos da vida e nos discursos, e de considerarmos que existem Formas mais ou menos estáveis que *de-limitam* essa procura aproxima-nos da ética como ciência da relação (saber é pôr em relação). Porque, se as escolhas que marcam a nossa relação connosco e com os outros têm Formas estáveis a que chamamos «imaginários», essa estabilidade cria valores que, ainda por cima, esquecem «nietzscheanamente» a sua origem. Alguns, ligados ao imaginário 1 serão universais, outros ligados às culturas são válidos na área cultural em questão (crenças religiosas, valores como monogamia/poligamia, etc.), e os ligados aos imaginários pessoais (que assumem os outros dois, não o esqueçamos) são utilizados na luta pela sobrevivência como justificação de atitudes. E é interessante notar que o valor supremo a defender nunca é a vida mas os valores culturais e pessoais (2 e 3) que a fazem significar. O valor supremo é a *significação* da Vida e não ela (para que se faça de nós uma bela canção...). O próprio Mal tem a ver com valores que expressam uma significação, logo uma Ausência.

Um exemplo interessante da ligação do Mal à Ausência, neste caso como forma de lidar com ela, é-nos dado por S. Agostinho. Leiamos as seguintes passagens das *Confissões*.

Efectivamente, o orgulho imita a excelência, sendo tu o único Deus excelso acima de todas as coisas. E a ambição que é que procura senão honras e glória, sendo tu o único digno de ser honrado acima de todas as coisas e glorioso para sempre? E a crueldade dos poderosos quer ser temida: mas quem deve ser temido senão apenas Deus, a cujo poder, nada, em nenhum tempo ou lugar, para nenhum lugar ou por nenhum meio, pode furtar-se e subtrair-se? As carícias dos amantes querem reciprocidade mas nada é mais carinhoso do que o teu amor e nada é amado mais salutarmente do que a tua verdade, mais formosa e luminosa que todas as coisas. E a curiosidade parece afectar amor do saber, quando tu conheces sumamente todas as coisas. A ignorância e a estultícia escondem-se sob o nome de simplicidade e de inocência, porque nada se encontra mais simples do que tu. Que há de mais inocente do que tu, visto que são inimigas dos maus as suas próprias

²¹ A psicanálise de Desoille pelo sonho acordado dirigido, de que *Marie-Clothilde* é um dos melhores exemplos, mostra a integração no imaginário pessoal 3 da estabilidade do imaginário 1 do *Sapiens*: DESOILLE, Robert - *Marie-Clothilde, une psychothérapie en rêve éveillé dirigé*. Paris: Payot, 1971.

²² GODINHO, Helder - «O mitoestilo de Vergílio Ferreira». *Colóquio Letras*, 103 (1988), p. 72-74.



obras? E a preguiça deseja uma espécie de repouso: mas que descanso seguro existe além do Senhor? (...) Perversamente te imitam todos aqueles que se distanciam de ti e se levantam contra ti. Mas, imitando-te, mesmo assim mostram que tu és o criador de toda a natureza e, por isso, não há para onde alguém se afaste totalmente de ti. Por conseguinte, que amei eu naquele furto e em que é que imitei o meu Senhor, mesmo viciosa ou perversamente? Será que me apeteceu agir contra a lei ao menos por manha, já que não podia fazê-lo pela força, para imitar, sendo prisioneiro, uma liberdade estropiada, fazendo impunemente aquilo que não era lícito, mercê de um arremedo tenebroso de onipotência? (71-73).

Ou seja, peca-se para encontrar Deus porque o excesso que se procura pecando é personificado por Deus. Estando Deus ausente do Mal, ele é o referente de grandeza que o Mal procura, ou seja, *estando ausente está, de facto, presente*.

Além da procura de Deus (Ausência e Sentido) que Santo Agostinho refere, o mal e o sentido variam ainda com os contextos epocais e os valores sócio-culturais que eles actualizam (a integração dos imaginários cultural e pessoal sob o fundo do imaginário 1 do *Sapiens*). Diz ainda, nas *Confissões*:

São assim aqueles que se indignam ao ouvirem dizer que, naquele tempo, foi permitido aos justos alguma coisa que, neste tempo, não é permitida aos justos, e ainda porque àqueles Deus preceituou uma coisa e a estes outra, conforme as circunstâncias temporais (104-105); [a justiça] não tem todas as coisas em simultâneo nas várias épocas, mas distribui e preceitua em cada época o que lhe é próprio (105).²³

Ou seja, essa variação dos valores segundo as épocas mostra também que a Ausência que o Sentido persegue ganha Formas diferentes. O tempo obriga a percorrer várias relações com a Ausência, interrogando as possibilidades de as coisas significarem e ganharem valor, e as possibilidades que se vão materializando diferentemente no decurso e nos discursos mostram que a Ausência, ao manter-se para lá das suas várias presentificações significativas, se reserva como convite e como fundo de uma semiose permanente que mantém os homens vivos. E aqui convém lembrar, como o notou Harari, já referido, que o *Sapiens* se afirmou como a espécie que fala de coisas que não existem concretamente, que cria ficções. Mas é essa não-existência concreta, de que os mitos são os mais representativos testemunhos, que, na sua contínua reformulação, une os homens em comunidades sociais, religiosas, políticas, criadas em torno de ficções²⁴ que tendem a dar corpo, ou seja, dar presença, às ausências que convidam a encontrar um sentido que lhes dê corpo, tal como os deuses ganham vida e corpo nos mitos e nos ritos.

²³ O sonho de Carlos Bruno em *Mudança* parece inspirado desta passagem das *Confissões* (FERREIRA, Vergílio - *Mudança*. Lisboa: Portugalia, s.d. [1949]).

²⁴ HARARI, Yuval N. - *Sapiens. Une brève histoire de l'humanité.*, ed. cit.



Assim, encontrar sentido para as presenças é, fundamentalmente, interrogar e dar corpo ficcional ao não-visível e ausente do quotidiano e que espera que as marcas de sentido que deixa no visível possam balizar o caminho desse diálogo inesgotável com a Ausência.